



Pensar Deus

depois de Auschwitz

Teologia(s) do Holocausto e o Problema do Mal

Marcos Bazmandegan



ARBEIT MACHT FREI

**É possível falar de Deus
depois de Auschwitz?**

Pensar o problema do Mal após Auschwitz

- O problema do mal no pós-Auschwitz é um problema de/para quem?

Dos/para os cristãos?

Dos/para os judeus?

Dos/para os crentes?

Dos/para os homens?

- Que tipo de problema é este?

Teológico?

Filosófico?

O que foi o Holocausto?

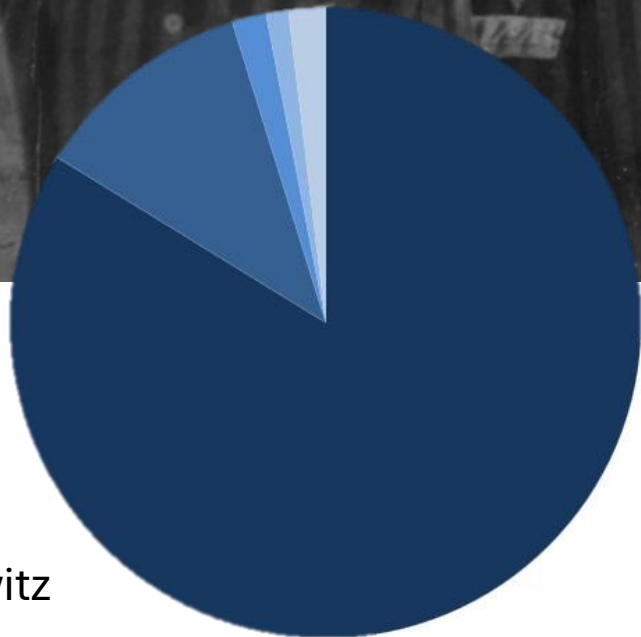
“O Holocausto foi a perseguição sistemática e o assassinato de 6 milhões de judeus europeus pelo regime nazista alemão, seus aliados e colaboradores. O Holocausto foi um processo contínuo que ocorreu por toda a Europa entre os anos de 1933 a 1945.”

Enciclopédia do Holocausto

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/introduction-to-the-holocaust>



Auschwitz



- Os Judeus – 1 100 000
- Polacos – 140 000-150 000
- Ciganos – 23 000
- Prisioneiros de guerra soviéticos – 15 000
- Restantes – 25 000

Marcos Bazmandegan

Símbolos do Holocausto usados na identificação de prisioneiros

- ☆ = JUDEUS
- ▽ = HOMOSSEXUAIS MASCULINOS
- ▽ = TESTEMUNHAS DE JEOVÁ
- ▽ = CIGANOS (ROMA E SINTI)
- ▽ = "ANTI-SOCIAIS" (LÉSBICAS, ALCOÓLATRAS, DEFICIENTES)
- ▽ = CRIMINOSOS COMUNS ARIANOS (COM PRIVILÉGIOS ESPECIAIS)
- ▽ = ESTRANGEIROS (IMIGRANTES E TRABALHADORES FORÇADOS)
- ▽ = PRESOS POLÍTICOS

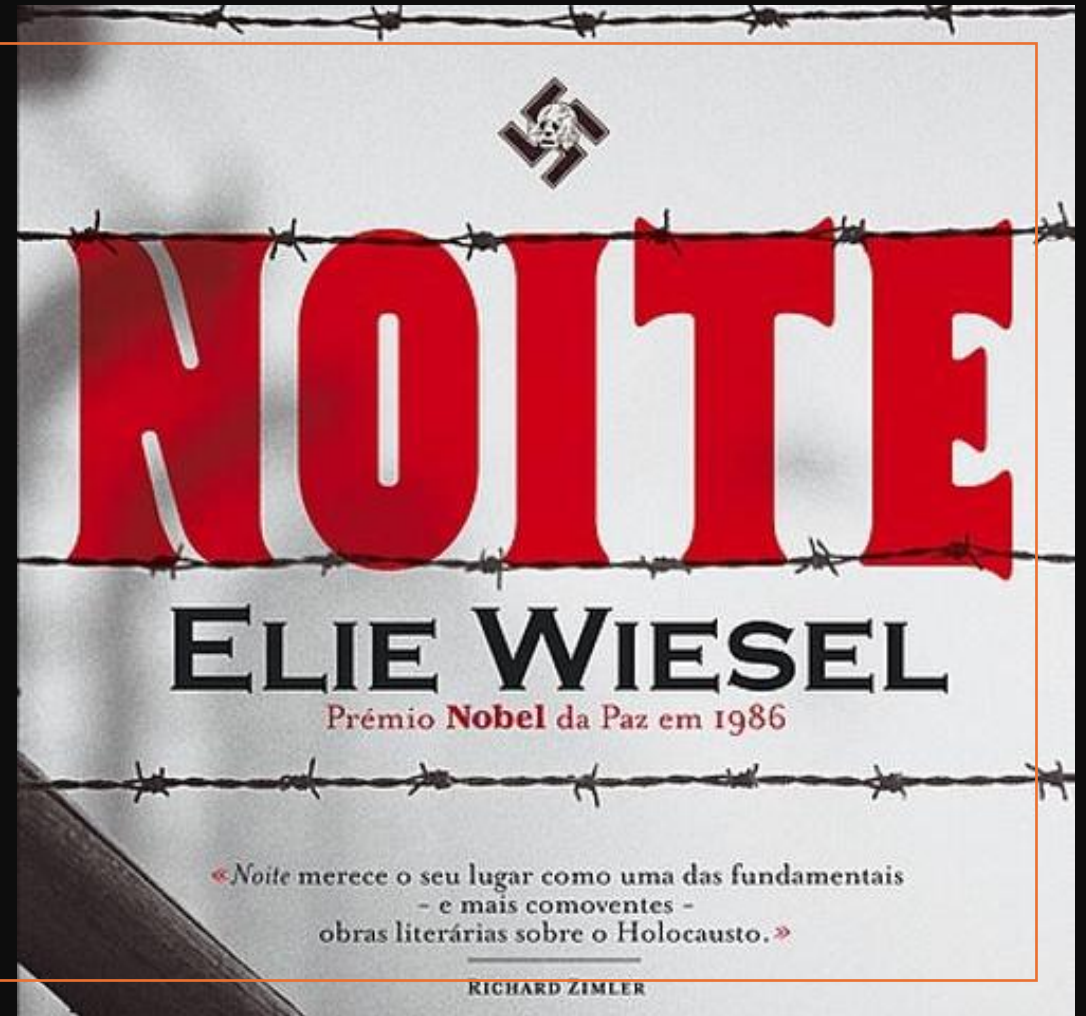
A tomada de consciência da catástrofe

- Libertação dos campos pelos Aliados, acompanhados pela população local (Buchenwald).
 - Silêncio sobre o assunto: O horror e a perplexidade tomou conta dos pensadores judeus, que só vinte anos depois aparecem as primeiras reflexões sobre o tema.
 - O silêncio como modo de lidar com o trauma: o caso de muitos sobreviventes.
-



A Noite (1958), de Elie Wiesel

- Uma voz no meio do silêncio.
- Biografia narrativa, com algumas poucas reflexões religiosas que marcarão o futuro das reflexões teológicas deste tema: Teologia do Holocausto.
- Destaca-se o trecho do enforcamento de uma criança.



“Os S.S. pareciam mais preocupados, mais inquietos do que de costume. Enforcar uma criança diante de milhares de espectadores não era uma coisa qualquer. O chefe do campo leu a sentença. Todos os olhos estavam pregados no menino. Ele estava lívido, quase calmo, mordendo os lábios. A sombra da forca se projetava sobre ele.

Dessa vez, o lagerkapo negou-se a servir de carrasco. Três S.S. o substituíram.

Os três condenados subiram em suas cadeiras. Os três pescoços foram introduzidos nos nós corrediços ao mesmo tempo.

– Viva a liberdade! gritaram os dois adultos.

O pequeno, calado.

*– **Onde está o Bom Deus, onde ele está?** alguém perguntou atrás de mim.*

A um sinal do chefe do campo, as três cadeiras foram derrubadas. Silêncio absoluto em todo o campo. No horizonte, o sol estava se pondo.

– Descubram a cabeça! berrou o chefe do campo. A sua voz estava rouca. Quanto a nós, estávamos a chorar.

– Cubram a cabeça!

E começou o desfile. Os dois adultos não viviam mais. As suas línguas pendiam, grossas, azuladas. Mas a terceira corda não estava imóvel: tão leve, o menino ainda vivia...

Por mais de meia hora ele ficou assim, lutando entre a vida e a morte, agonizando sob os nossos olhos. E tínhamos que olhá-lo bem de frente. Ainda estava vivo quando eu passei diante dele. A sua língua ainda estava vermelha; os seus olhos, ainda não apagados.

Atrás de mim, ouvi o mesmo homem a perguntar:

*– **E então, onde está Deus?***

E senti em mim uma voz que lhe respondia:

*– **Onde ele está? Ei-lo – está aqui, nesta forca.***

Naquela noite, a sopa tinha gosto de cadáver.”

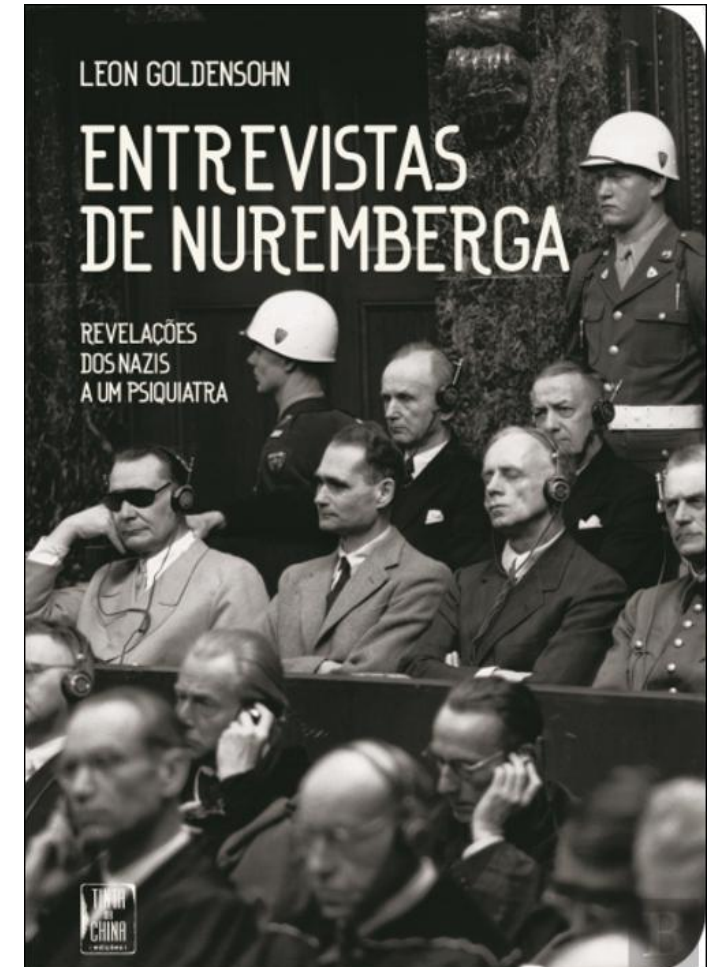


Julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém (1961)

- Este acontecimento inaugura uma nova era da Teologia do Holocausto.
- De assunto tabu ao debate público: o tema ganha um lugar central na reflexão judaica (e ocidental).
- Hannah Arendt – A banalidade do mal.



Três livros sobre a banalidade do mal



O período da Guerra dos Seis Dias (1967)

- Com a Guerra dos Seis Dias (1967) começa uma nova etapa marcada pela confiança e autoestima.
- Há um novo propósito e uma nova atitude judaica.
- A partir de então, começam a aparecer as primeiras grandes reflexões judaicas sobre a Teologia do Holocausto.



Holocausto e Teologia da História

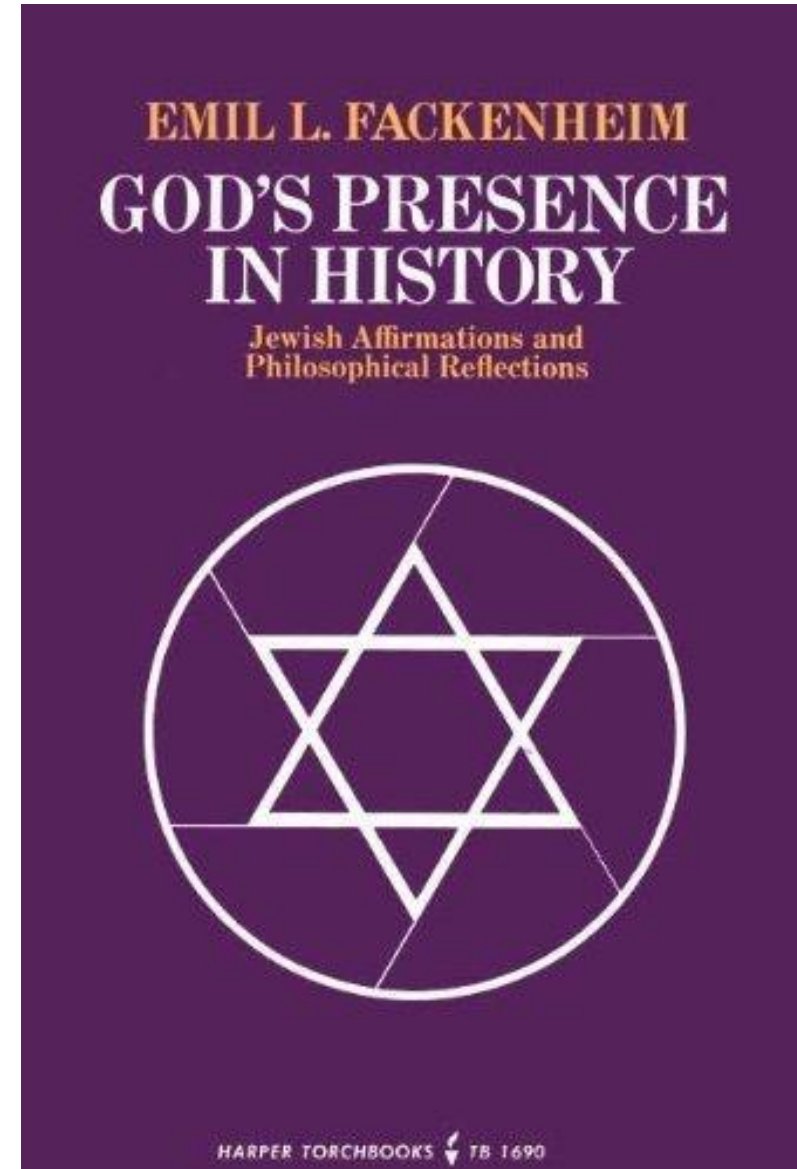
- A Teologia da História é uma teologia escrita em tempos de crise quando se entrevê uma esperança.
- Tentativa de dar um sentido aos acontecimentos, formando a ideia de um todo coerente e coeso.
- Ex. História Bíblica.



Emil Fackhenheim e o dever da sobrevivência

- Toda a fé deve ser mantida.
- Após o Holocausto, a sobrevivência judaica não é mais uma esperança, mas um dever de cada indivíduo. É o 614º mandamento.
- Não conceder a Hitler uma vitória póstuma, que seria a extinção do judaísmo.

1970



A comunidade haredi (ultra-ortodoxa)

- Uma das mais atingidas pelo Holocausto.
- Recusam-se a fazer uma reflexão profunda sobre o assunto.
- Folhetos: acusam a Haskalah (iluminismo judaico), o movimento da reforma Judaica e o sionismo como catalisadores do Holocausto.
- Acusam os grupos judaicos modernos de terem atraído a ira de Deus, que puniu o povo como um todo.
- Holocausto como punição divina devido ao Sionismo – forçar o retorno à terra de Israel antes da era messiânica.



O Holocausto entre Teologias

Diálogo (difícil)
cristão-judaico

11.06.99

Numa das suas visitas à Polónia, João Paulo II recebe um sermão do rabino-chefe Menachem Joskowitz, que exige que ele remova a última cruz de Auchwitz.

Marcos Bazmandegan



A Teologia do Holocausto no mundo cristão



1º grupo – O Holocausto não é relevante para a reflexão teológica. O envolvimento foi da responsabilidade individual, não há que repensar algumas questões no Cristianismo.



2º grupo – Mais implicado na reflexão e implicações do Holocausto para a vida cristã, mas nem o Holocausto, nem a relação com o Judaísmo foram centrais nas suas reflexões. Consideraram o nazismo ao mesmo nível de outras ameaças modernas, como o perigo atômico, a discriminação da mulher, os países do terceiro mundo, etc. Teólogos liberais ligados à Teologia da Libertação.



3º grupo – Enfatiza a urgência de um diálogo com o Judaísmo após o Holocausto. Valorização teológica das duas alianças. Aprofunda as raízes judaicas do Cristianismo.



4º grupo – Empenhado na revisão da teologia cristã como consequência do Holocausto. Atenção para o antijudaísmo presente no Novo Testamento e na história cristã.



Algumas resoluções institucionais:

- O abandono do esforço de converter os judeus aos Cristianismo.
- O reconhecimento do Judaísmo como uma religião autêntica.
- A Igreja Católica na vanguarda do diálogo judeus-cristãos: João XXIII e Jules Isaac. Concílio Vaticano II: *Nostra Aetate* (Cardeal Bea).
- João Paulo II: quebrou tabus e sedimentou uma nova era. “Nós lembramos: uma reflexão sobre a Shoah” (1998): terá a perseguição nazi alguma ligação com atitudes antijudaicas cristãs do passado?





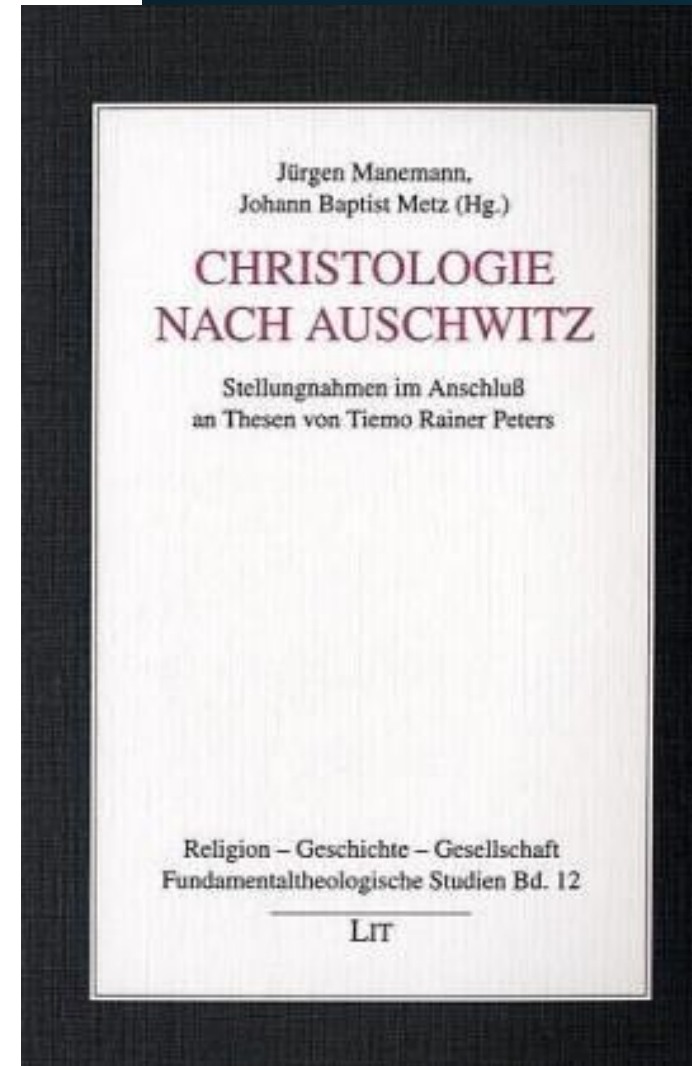
Johann Baptist Metz (1928-2019)

Paisagem de Gritos

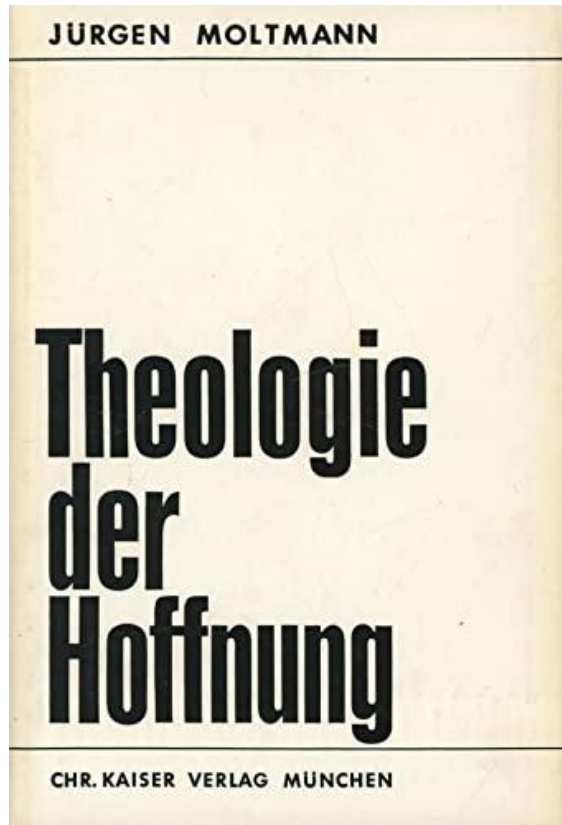
A velha questão sobre Deus face ao sofrimento dos inocentes e face às catástrofes humanas como Auschwitz não é uma questão isolada entre outras para a teologia política.

Ela diz respeito ao centro do discurso de Deus.

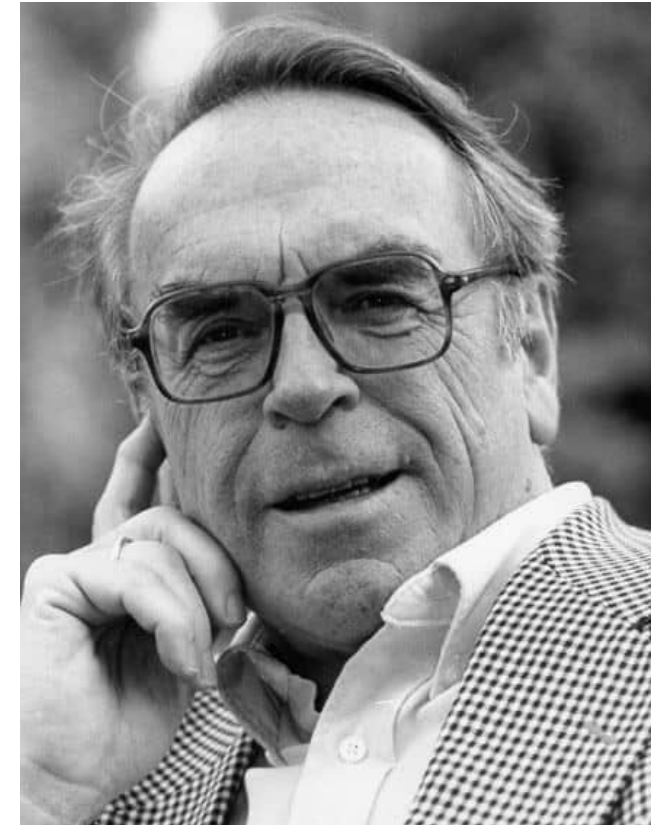
“Cristologia depois de Auschwitz” reúne reflexões de vários teólogos empenhados numa teologia política para quem a catástrofe de Auschwitz pertence à situação interna do discurso cristão sobre Deus, de modo que diante desta catástrofe é proibido recuar para uma metafísica da salvação cega à situação ou a um idealismo histórico desprovido de pessoas.



1964



Jürgen Moltmann (1926)



A "Teologia da Esperança" de Moltmann ressoa profundamente com a teologia pós-holocausto, fornecendo uma perspectiva de esperança em meio à devastação. A sua ênfase na ressurreição de Cristo como um ato de esperança em face da morte e do sofrimento oferece um antídoto teológico à desesperança que poderia surgir após tal horror. "O Cristianismo é escatologia, é esperança".

O reino de Deus é tarefa dos cristãos. Estes devem lutar pela utopia concreta de um reino de Deus na terra, na realidade histórica do seu trabalho. Influenciado por Ernst Bloch (Filosofia da Esperança).

“Uma pergunta volta sempre de novo: onde é que Deus estava nessa altura? Porque é que não se fez ouvir?”

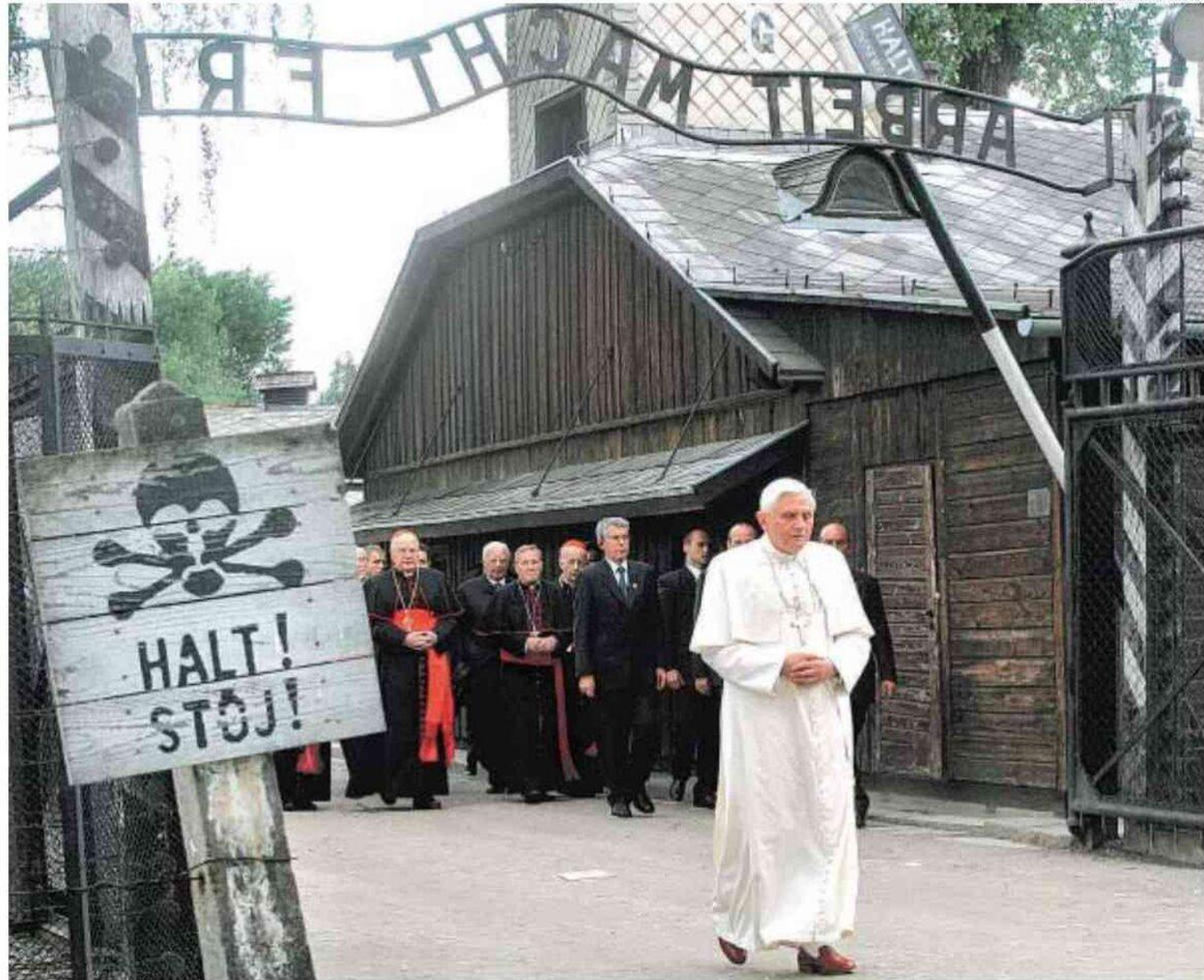
Papa Bento XVI (2006).

A primeira resposta da teologia pós-Auschwitz foi esta:

Deus estava do lado das vítimas. Deus estava ali “crucificado” (Moltmann).

Mas porquê as vítimas não sentiram a sua presença nem a sua consolação?

Marcos Bazmandegan



••• Nas duas horas mais esperadas da sua visita de quatro dias à Polónia, Bento XVI percorreu ontem os antigos campos de

concentração de Auschwitz e Birkenau, onde os nazistas exterminaram cerca de 1,5 milhão de prisioneiros, a maioria judeus.

“É estarrecedor para um cristão e para um papa alemão, mas eu não poderia deixar de vir aqui”, disse Bento XVI, no Monumento

das Vítimas do Nazismo. Recebido por um grupo de sobreviventes, o papa rezou com rabinos e líderes judeus. ● PÁG. A12

- Porquê Deus não intervém? Sem encontrar respostas para esta pergunta, que, no fundo, vem já do livro de Job, a teodiceia mudou de perspectiva com Johann Baptist Metz.
- Metz defende que a teologia aceite este silêncio de Deus (“cristologia de Sábado santo”), sem tentar ilibá-lo, desculpá-lo ou compreender o seu silêncio.
- Contudo, tão importante como interrogar-se onde estava Deus é interrogar-se: onde estavam os crentes? Será que não viram? Será que não se deram conta? Auschwitz e todo o Holocausto obriga o crente a uma nova espiritualidade, a uma nova mística: a “mística dos olhos abertos” e da atenção ao sofrimento alheio.

No Congresso internacional sobre o Holocausto, em 1997, Metz afirmava:

“Auschwitz é para mim um choque, um choque que põe em causa todo o discurso teórico sobre Deus, como algo de vazio e de oco. Perguntei-me: existe um Deus assim, de costas voltadas para uma catástrofe como esta? E pode haver uma teologia, que mereça este nome, que continue a discursar sobre Deus e sobre a humanidade como se nada tivesse acontecido? A interrogação teológica depois de Auschwitz não é só: onde é que Deus estava em Auschwitz? É também: Onde estava o ser humano em Auschwitz?”





“Nos campos na Bélgica e na Escócia experimentei o colapso das minhas certezas, e neste colapso encontrei uma nova esperança na vida cristã”.

**A partir de então, Moltmann começou a se perguntar:
“Como se pode não falar de Deus depois de Auschwitz?”.**

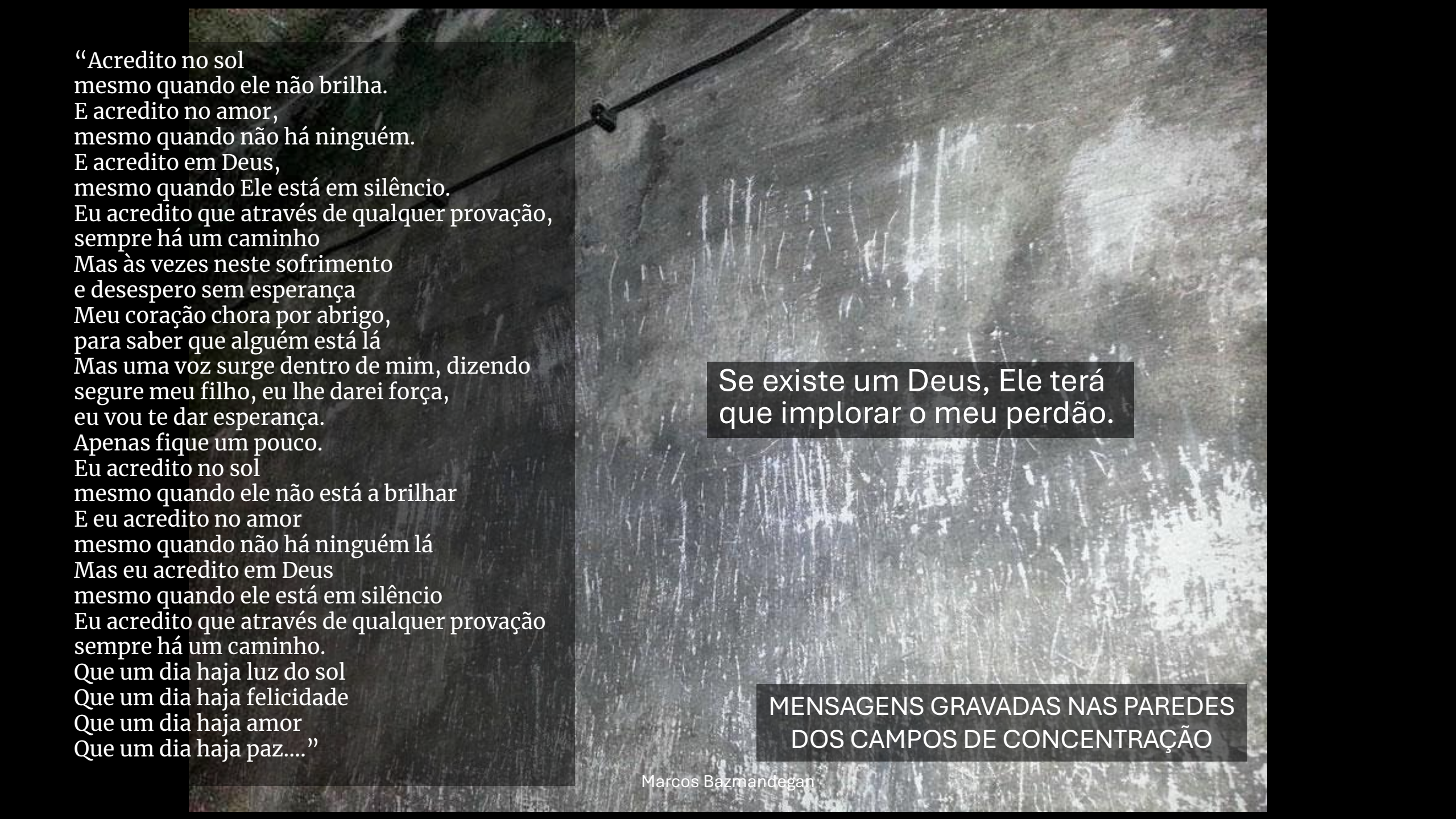


O trauma de um campo de concentração é indelével.

Bella Herson Z"l

“Se existiu Auschwitz, não pode existir Deus”.

“A Polónia é o maior cemitério judaico do mundo e, segundo o costume judaico, se alguém colocar uma pedrinha em qualquer parte do solo polonês, certamente estará a homenagear, sob ela, uma inocente vida judaica”.



“Acredito no sol
mesmo quando ele não brilha.
E acredito no amor,
mesmo quando não há ninguém.
E acredito em Deus,
mesmo quando Ele está em silêncio.
Eu acredito que através de qualquer provação,
sempre há um caminho
Mas às vezes neste sofrimento
e desespero sem esperança
Meu coração chora por abrigo,
para saber que alguém está lá
Mas uma voz surge dentro de mim, dizendo
segure meu filho, eu lhe darei força,
eu vou te dar esperança.
Apenas fique um pouco.
Eu acredito no sol
mesmo quando ele não está a brilhar
E eu acredito no amor
mesmo quando não há ninguém lá
Mas eu acredito em Deus
mesmo quando ele está em silêncio
Eu acredito que através de qualquer provação
sempre há um caminho.
Que um dia haja luz do sol
Que um dia haja felicidade
Que um dia haja amor
Que um dia haja paz....”

Se existe um Deus, Ele terá
que implorar o meu perdão.

MENSAGENS GRAVADAS NAS PAREDES
DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Deus morreu no Holocausto?

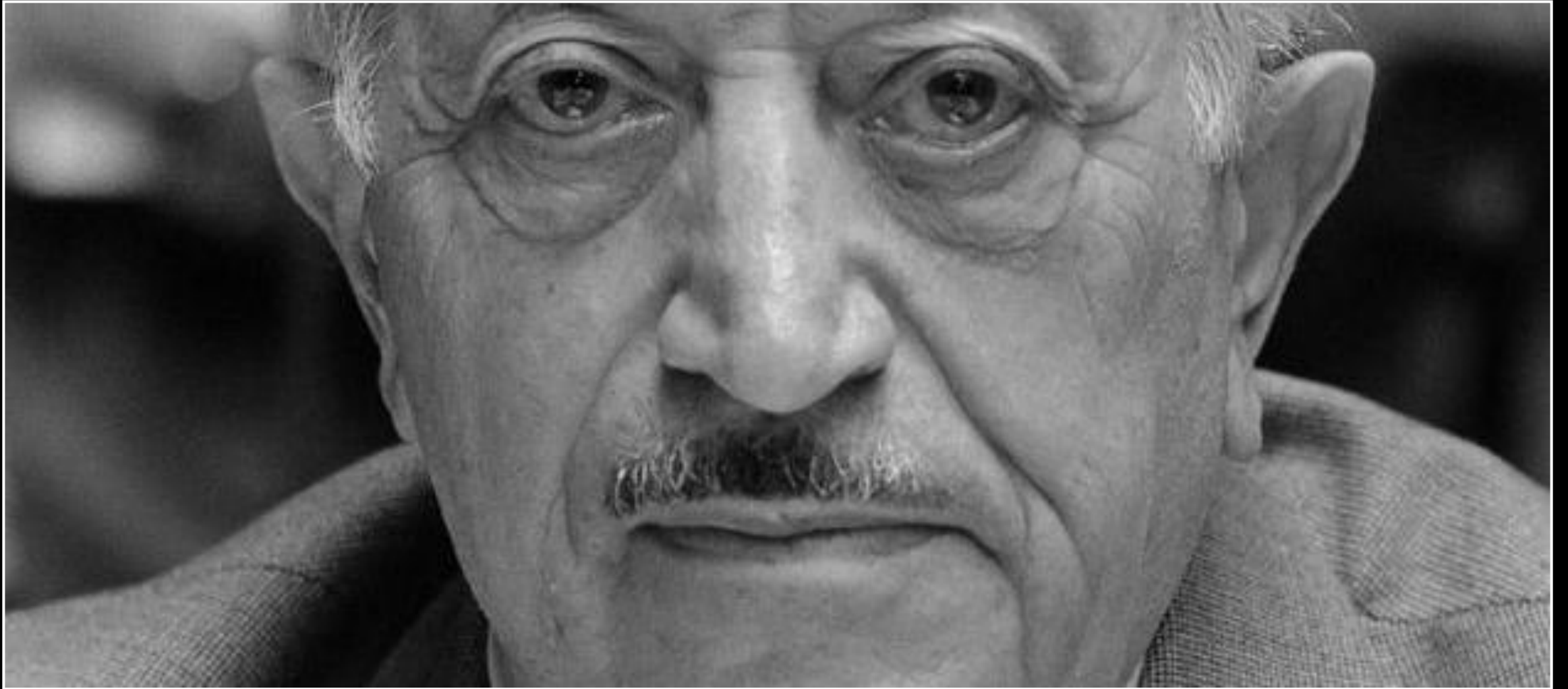
- Quem morreu no Holocausto?
- Deus ou os homens?
- Deus com os homens?
- Deus nos homens? Quais homens?
- Nas vítimas ou nos carrascos?
- Qual Deus?

A lit candle with a flame, set against a dark background. The candle is yellow and the flame is bright orange and yellow. The text "FIM DA PRIMEIRA PARTE" is overlaid on the candle.

FIM DA PRIMEIRA PARTE



Deus sobreviveu ao Holocausto.
Mas foi levado a Julgamento!



O Dilema de Simon Wiesenthal

Marcos Bazmandegan



God on Trial

Marcos Bazmandegan

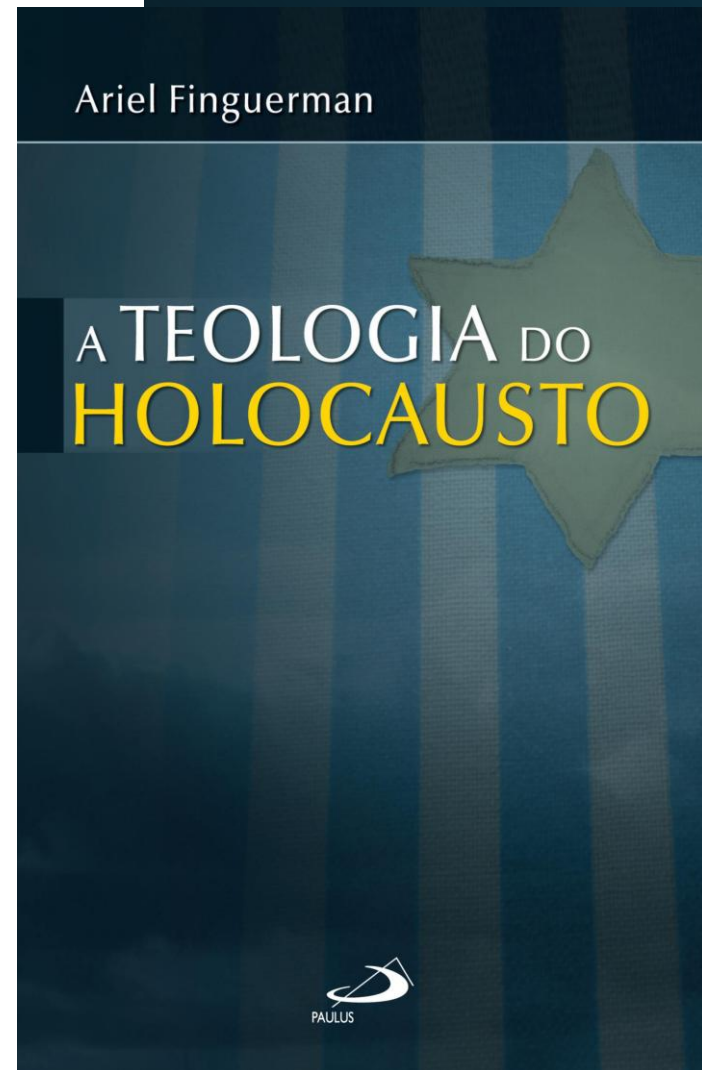


Justos entre as Nações

“Aquele que salvou uma vida, salvou o mundo inteiro.”

Teologia dos que sobreviveram: algumas respostas judaicas.

- Ariel Fingerman: “O Holocausto não apenas ameaçou a existência física dos judeus, mas também o Judaísmo como religião.”
- A Aliança de Deus com Israel foi abalada como resultado do massacre na Europa?
- Modelos tradicionais judaicos, como o sofrimento de Job, podem ser aplicados ao Holocausto?
- O nazismo teria sido um caso extremo de abuso do livre-arbítrio concedido por Deus aos homens?
- Deus teria “ocultado a sua face” enquanto funcionavam as câmaras de gás e os fornos crematórios?
- O Holocausto pode ter sido uma punição divina por algum pecado do povo judeu?



Conceitos teológicos centrais

- Aliança (*Berit*) e eleição.
- História como Revelação Divina (Teologia da História) – como o Holocausto pode ser integrado nessa história sagrada?
- Job – como a mensagem do livro de Job poderá ser aplicada ao Holocausto?
- Livre-arbítrio – o Holocausto foi resultado do mau uso da liberdade humana?
- Martírio ou *Kidush Hashem* – Houve possibilidade do martírio no Holocausto?
- Ocultamento da Face – Deus ocultou a sua face ao povo judeu durante o Holocausto? Distanciamento de Deus, deixando Israel nas mãos dos seus inimigos.
- Pecado – foi o Holocausto uma punição pelo pecados do povo judeu?
- Estado de Israel – criado 3 anos após o Holocausto (1948), qual é o significado?



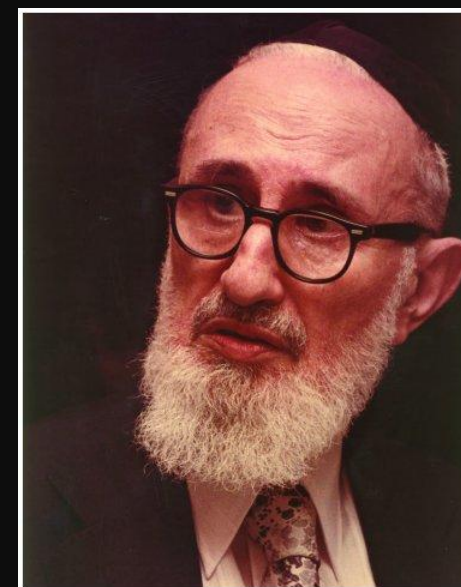
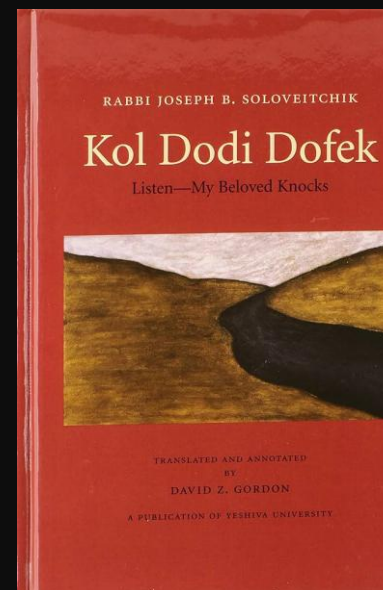


A singularidade irredutível do Holocausto

- O Holocausto pode ser comparado a outras destruições da história (judaica)?
- Muitos dividiram-se sobre a singularidade deste evento: diferença quantitativa ou qualitativa?

Joseph B. Soloveitchik (1903-1993)

- Há sofrimento no mundo. Mas a avaliação bíblica (*tov meod*) continua a ser válida. O nosso entendimento é parcial, fragmentário e finito (vemos apenas fragmentos do drama cósmico) e, por isso, o mal permanece incompreensível para nós (mistério do mal). Tudo o que Deus faz é bom, tudo o que existe é bom, o mal é uma ilusão da nossa visão parcial. Recorre a Maimónides para dizer que o mal não existe. Se tivéssemos uma visão geral, o mal tornar-se-ia bem. A nível especulativo, nunca teremos uma resposta para o mal. A verdadeira resposta está na fé.
- Homem *haláchico* – a pergunta não é “o que é o mal?” ou “porquê o mal?”, mas “O que fazer diante do sofrimento?”, “Como transformar o mal numa força positiva?”.
- Não se deve racionalizar o mal. Deve-se vivê-lo como ser humano, deve-se aproveitá-lo para fazer *teshuvá*, purificar a sua alma. Deve-se tentar elevá-lo ao nível do bem.
- É nos momentos de maior aflição que Deus se revela ao Homem. A revelação dá-se em momentos de crise.
- Sionismo religioso. Israel como um Estado *haláchico*.



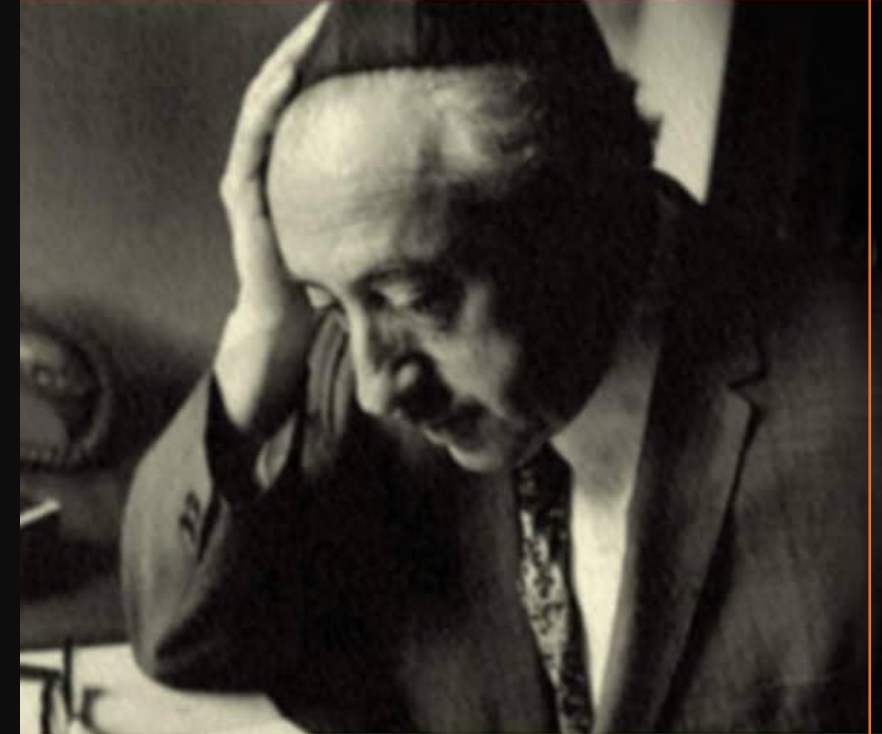
Eliezer Berkovitz (1908-1992)

- O Holocausto não foi de natureza diferente de outras catástrofes: destruições do Templo, destruição do judaísmo espanhol, Cruzadas, Peste Negra, massacres de Chmelnicki, etc. Repetições do passado, que existiram praticamente desde o início do Judaísmo.
- As nossas questões de fé são as mesmas que tiveram de lidar os nossos antepassados. O Judaísmo tem no seu repertório as ferramentas para superar essas crises.
- Não significa que pretende fazer uma teodiceia – justificação de Deus. Porque, em última análise, o Holocausto foi uma injustiça absoluta permitida por Deus, que tem a responsabilidade última de ter criado um mundo onde existe uma falta crónica de justiça. Em termos de justiça, Ele é culpado, culpado pela Criação.
- Considera a pergunta por Deus durante o Holocausto como legítima, e não só, não fazê-la seria uma blasfêmia. Cita o caso de Job.
- O Deus perfeito desejou criar um mundo imperfeito. Para se diferenciar de Deus, o mundo precisava ser imperfeito, daí a existência do mal para se manter independente. A imperfeição e a injustiça são um elemento estrutural da Criação. Deus, sendo a fonte de tudo, é também a origem do mal (Is. 45:5-7: “Eu sou o Senhor e não há outro (...). Eu formo a luz e crio as trevas. Faço a paz e crio o mal.”).
- O mal faz parte da Criação. E por isso, também tem um sentido. Qual o sentido do Holocausto? Não foi como punição dos pecados. Foi fruto do colapso moral da civilização ocidental. A história é feita pelos homens. E portanto, a pergunta é “Onde esteve o Homem?”.

Marcos Bazmandegan

RABBI ELIEZER BERKOVITS

MAGGID MODERN CLASSICS



FAITH AFTER
THE HOLOCAUST

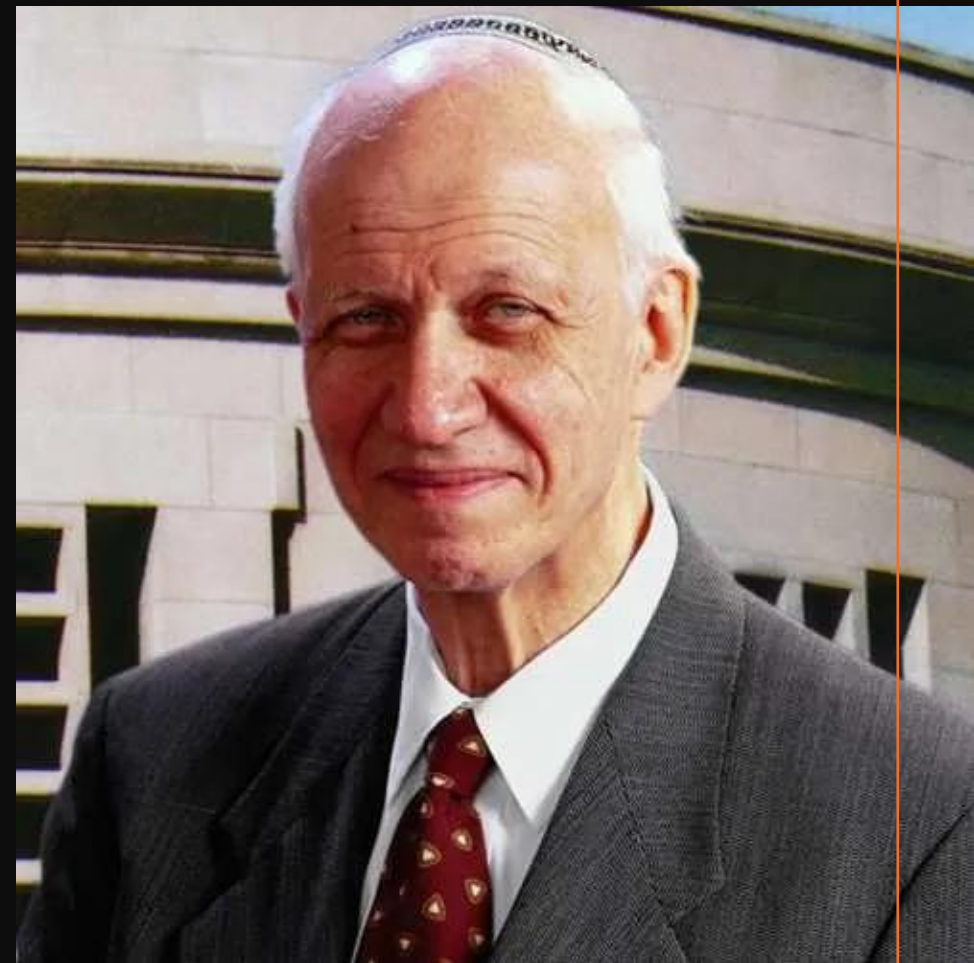




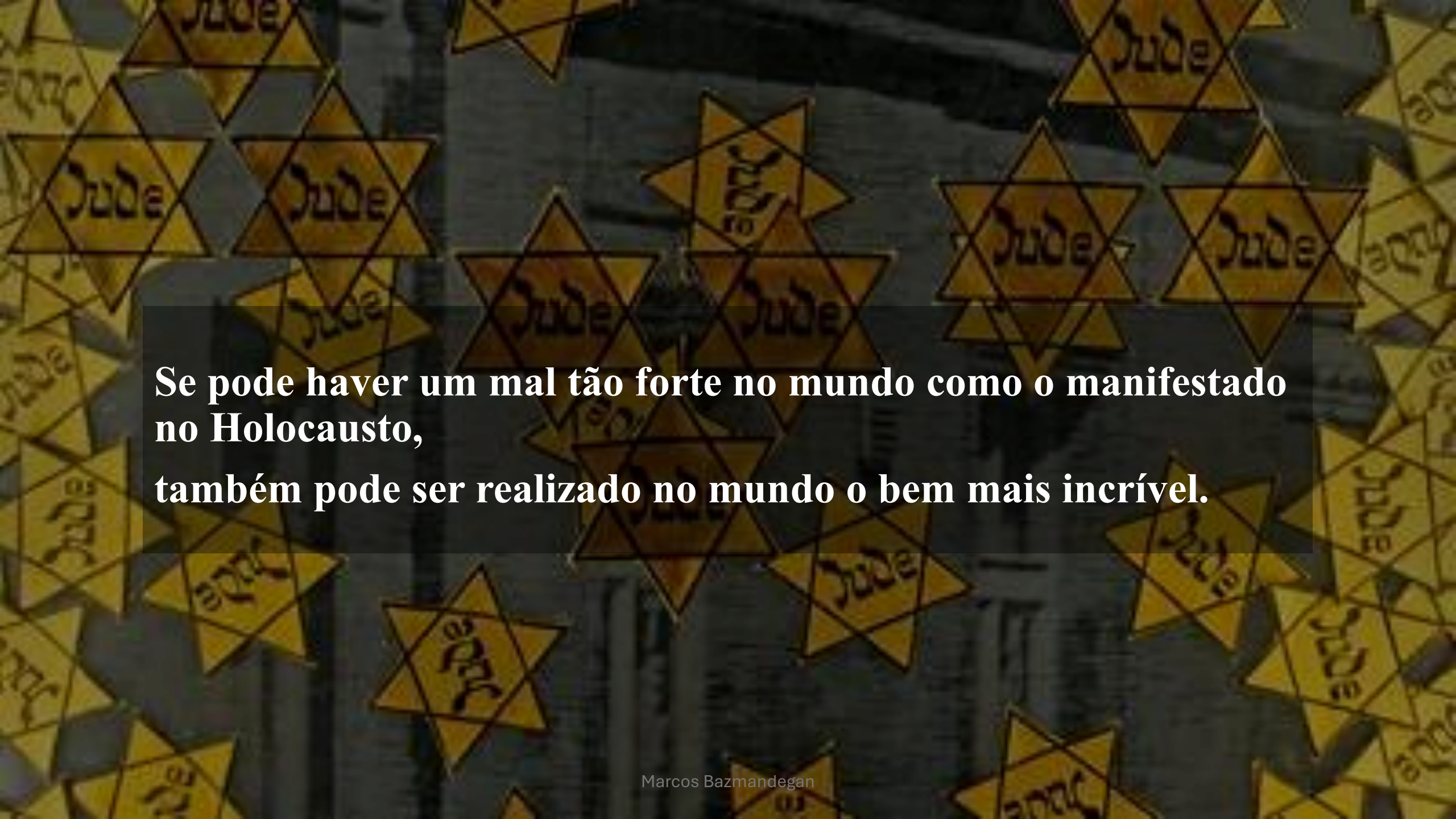
- No Holocausto houve um ocultamento da Face sem razão aparente. As pessoas não entenderam o sentido.
- Livre-arbítrio: Deus não é a causa direta do mal. Mas possibilitou o homem ser perverso. Se Deus interviesse na História diretamente, o mal seria exterminado, mas a liberdade humana e o Homem também. Mas não temos resposta do porquê de Deus ter criado o mundo e o Homem. Deus apostou no Homem.
- Deus apoia o justo, mas também tolera o perverso. Se não intervir, o homem será destruído. Então, há intervenção em alguns casos pontuais. Isso é atestado pela história de Israel.
- O Holocausto aconteceu, em última instância, devido à posição cósmica do povo judeu, como povo-testemunha. Os nazis quiseram com isso destronar Deus, eliminar Deus.
- A tragédia judaica é apenas parte da tragédia da humanidade: o fracasso da justiça e da humanidade no mundo.
- O exílio nacional reflete o exílio cósmico. O Estado de Israel não pode ter o estatuto igual ao das outras nações. É o início da redenção universal. Mas infelizmente não é esse o caminho tomado: materialismo e secularismo.

Irving Greenberg (1933)

- O Holocausto foi um evento singular da história judaica e deve ser repensado de uma maneira diferente do que outros acontecimentos do passado.
- O Judaísmo precisa de passar por uma reformulação drástica para que possa continuar a existir. Uma transformação semelhante à da destruição do Templo e a criação do rabinismo. Agora com a criação do Estado de Israel, apenas vislumbramos esse futuro.
- A ausência de intervenção divina revela uma mudança de atitude da parte de Deus. E por isso, é também preciso mudar a atitude na prática da lei. As orações devem expressar a raiva pelo silêncio de Deus. As antigas rezas são banais, as novas precisam de responsabilizar Deus. Através da expressão da raiva e contrariedade, os judeus poderão reestabelecer o única conexão ainda possível com a divindade.
- Acabou a dicotomia rígida entre ateísmo e crença em Deus. Agora, será um balançar ocasional.



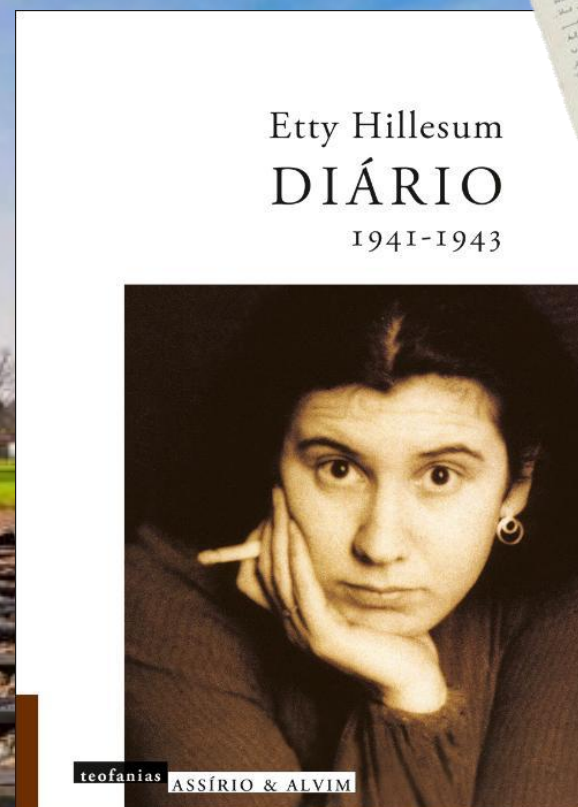
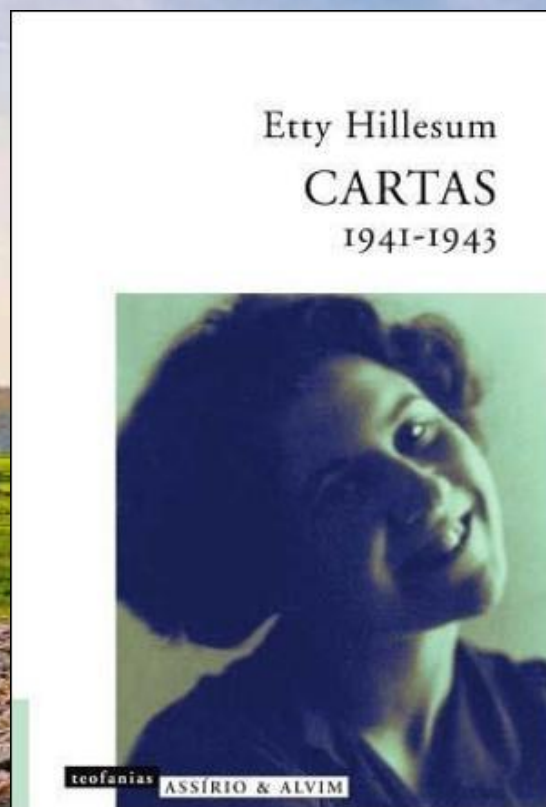
- A transformação do judaísmo será um processo longo e demorado. É necessário uma nova e extraordinária liderança espiritual para reestruturar a tradição e garantir um novo florescimento do judaísmo. Será um processo doloroso e conflituoso.
- Abriu-se uma crise espiritual que ainda não foi superada.
- Depois do Holocausto, a Aliança foi quebrada. Agora é voluntária.
- “Quando um pobre pede ajuda, não se deve responder: Deus ajudar-te-á. Seja um ateu e torne-se totalmente responsável pelo necessitado.
- Era de maior secularismo.
- Se no início da era rabínica multiplicaram-se as sinagogas, na era pós-holocausto devem-se multiplicar os museus do Holocausto (novo espaço sagrado – lugar de memória).
- Novos rituais seculares – peregrinações aos campos de concentração, o dia da memória das vítimas do Holocausto.
- A tarefa messiânica continua – secularismo sagrado.
- O Estado de Israel é parte do processo messiânico. Não deve ser como qualquer outra nação, mas deve simbolizar a libertação e a redenção para toda a humanidade (Luz das Nações). Testemunha de um povo que sai de uma situação de vítima para liderar o seu próprio destino. Estado atual: o poder corrompe, mas a falta dele corrompe ainda mais.




Se pode haver um mal tão forte no mundo como o manifestado no Holocausto, também pode ser realizado no mundo o bem mais incrível.


Etty Hillesum (1914-1943):

“Desenterrar Deus dos corações martirizados”





«São tempos temerosos, meu Deus. Esta noite, pela primeira vez, passei-a deitada no escuro de olhos abertos e a arder, e muitas imagens do sofrimento humano desfilavam perante mim. Vou prometer-te uma coisa, Deus, só uma ninharia: não irei sobrecarregar o dia de hoje com igual número de preocupações em relação ao futuro, mas isso custa um certo exercício. Cada dia já tem a sua conta. Vou ajudar-te, Deus, a não me abandonares, apesar de eu não poder garantir nada com antecedência. Mas torna-se-me cada vez mais claro o seguinte: que tu não nos podes ajudar, que nós é que temos de te ajudar, e, ajudando-te, ajudamo-nos a nós próprios».



“Deus meu, fizeste-me tão rica, deixa-me por favor, partilhar generosamente essa riqueza. A minha vida tornou-se um diálogo ininterrupto Contigo, meu Deus, um grande diálogo.”

A última carta que temos de **Etty Hillesum** é um postal que ela consegue lançar para fora da carruagem, encontrado por um camponês, datada de 7 de Setembro de 1943, onde diz:

«Abro a Bíblia ao acaso e encontro isto: “O Senhor é o meu grande abrigo”. A partida chegou de forma inesperada, apesar de tudo. Deixámos o campo a cantar. Adeus».

27 DE JANEIRO - DIA INTERNACIONAL

MEMÓRIA DAS VÍTIMAS DO HOLOCAUSTO

